

Caderno nº 44



**CONSTRUÇÃO DE INDICADORES
DE SUSTENTABILIDADE DA PIAÇAVA
(*Attalea funifera* Martius)
NA MATA ATLÂNTICA**

Marcelo Mendes do Amaral

. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica .



SÉRIE 1 - CONSERVAÇÃO E ÁREAS PROTEGIDAS

- CAD. 01 - A QUESTÃO FUNDIÁRIA, 1ª ED./1994, 2ª ED./1997
CAD. 18 - SNUC - SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 1ª ED./2000, 2ª ED./2004
CAD. 28 - RPPN - RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL DA MATA ATLÂNTICA, 2004
CAD. 32 - MOSAICOS DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO CORREDOR DA SERRA DO MAR, 2007
CAD. 35 - RPPN - EM DESTAQUE NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA, 2008
CAD. 36 - CAPACITAÇÃO EM GESTÃO PARTICIPATIVA NA MATA ATLÂNTICA, 2008
CAD. 37 - MOSAICO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO JACUIRANGA, 2009
CAD. 40 - CONSERVAÇÃO MARINHA E ORDENAMENTO PESQUEIRO, 2011
CAD. 41 - CONVENÇÃO DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA - CDB: METAS DE AICHI 2020 E PROTOCOLO DE NAGOYA (ACESSO E REPARTIÇÃO DE BENEFÍCIOS DO USO DE RECURSOS NATURAIS), 2012
CAD. 42 - PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DE EFETIVIDADE DE GESTÃO DE MOSAICOS DE ÁREAS PROTEGIDAS NO BRASIL, 2013

SÉRIE 2 - GESTÃO DA RBMA

- CAD. 02 - A RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA, 1ª ED./1995, 2ª ED./1996
CAD. 05 - A RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1ª ED./1997, 2ª ED./2000
CAD. 06 - AVALIAÇÃO DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA, 1ª ED./1997, 2ª ED./2000
CAD. 09 - COMITÊS ESTADUAIS DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA, 1ª ED./1998, 2ª ED./2000
CAD. 24 - CONSTRUÇÃO DO SISTEMA DE GESTÃO DA RBMA, 2004
CAD. 25 - PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA, 2003

SÉRIE 3 - RECUPERAÇÃO

- CAD. 03 - RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS DA MATA ATLÂNTICA, 1ª ED./1996, 2ª ED./2000
CAD. 14 - RECUPERAÇÃO DE ÁREAS FLORESTAIS DEGRADADAS UTILIZANDO A SUCESSÃO E AS INTERAÇÕES PLANTA - ANIMAL, 1ª ED./1999, 2ª ED./2000
CAD. 16 - BARRA DE MAMANGUAPE, 1ª ED./1999, 2ª ED./2000

SÉRIE 4 - POLÍTICAS PÚBLICAS

- CAD. 04 - PLANO DE AÇÃO PARA A MATA ATLÂNTICA, 1ª ED./1996, 2ª ED./2000
CAD. 13 - DIRETRIZES PARA A POLÍTICA DE CONSERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA MATA ATLÂNTICA, 1999
CAD. 15 - MATA ATLÂNTICA: CIÊNCIA, CONSERVAÇÃO E POLÍTICAS, 1999
CAD. 21 - ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS PARA A CONSERVAÇÃO, RECUPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA MATA ATLÂNTICA, 1ª ED./2002, 2ª ED./2004
CAD. 23 - CERTIFICAÇÃO FLORESTAL, 2003
CAD. 26 - CERTIFICAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 2003
CAD. 27 - ÁGUAS E FLORESTAS DA MATA ATLÂNTICA: POR UMA GESTÃO INTEGRADA, 2004
CAD. 30 - CERTIFICAÇÃO EM TURISMO SUSTENTÁVEL - NORMA NACIONAL PARA MEIOS DE HOSPEDAGEM - REQUISITOS PARA A SUSTENTABILIDADE - NIH-54 DE 2004, 2005
CAD. 33 - LEI DA MATA ATLÂNTICA - LEI Nº 11.428, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2006 E RESOLUÇÃO CONAMA Nº 388, DE 23 DE FEVEREIRO DE 2007, 2007
CAD. 39 - GESTÃO SUSTENTÁVEL E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM MEIOS DE HOSPEDAGEM - ESTUDO DE CASO PARATY/ RJ, 2010

SÉRIE 5 - SÉRIE ESTADOS E REGIÕES DA RBMA

- CAD. 08 - A MATA ATLÂNTICA DO SUL DA BAHIA, 1998
CAD. 11 - A RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA NO RIO GRANDE DO SUL, 1998
CAD. 12 - A RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA EM PERNAMBUCO, 1998
CAD. 22 - A RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2002
CAD. 29 - A RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA NO ESTADO DE ALAGOAS, 2004

SÉRIE 6 - DOCUMENTOS HISTÓRICOS

- CAD. 07 - CARTA DE SÃO VICENTE - 1560, 1ª ED./1997, 2ª ED./2000
CAD. 10 - VIAGEM À TERRA BRASIL, 1998
CAD. 31 - BALDUÍNO RAMBO S. J. - A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2005

SÉRIE 7 - CIÊNCIA E PESQUISA

- CAD. 17 - BIOPROSPECÇÃO, 2000
CAD. 20 - ÁRVORES GIGANTESCAS DA TERRA E AS MAIORES ASSINALADAS NO BRASIL, 2002
CAD. 34 - FLORESTAS URBANAS - ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MATA ATLÂNTICA DE DOIS IRMÃOS, NA CIDADE DO RECIFE - PE, 2008

SÉRIE 8 - MAB-UNESCO

- CAD. 19 - RESERVAS DA BIOSFERA NA AMÉRICA LATINA, 2000
CAD. 38 - RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA - FASE VI / 2009, 2009

SÉRIE 9 - CADERNOS MERCADO MATA ATLÂNTICA

- CAD. 43 - CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DE DIRETRIZES PARA O MANEJO SUSTENTÁVEL DO PINHÃO (ARAUCARIA ANGUSTIFOLIA) A PARTIR DE UMA VISÃO DA CONSERVAÇÃO DA FLORESTA COM ARAUCARIA E DO USO DO PINHÃO, 2014
CAD. 44 - CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE DA PIAÇAVA (ATALLEA FUNIFERA MARTIUS) NA MATA ATLÂNTICA 2015

Caderno nº 43



CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE DA PIAÇAVA (ATALLEA FUNIFERA MARTIUS) NA MATA ATLÂNTICA

Marcelo Mendes do Amaral

Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica



Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Caderno nº 43

Série: Mercado Mata Atlântica**Editor:** Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica**Autor:****Marcelo Mendes do Amaral**

Engenheiro Florestal, coordenador do Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” e coordenador do Projeto “Construção de indicadores de sustentabilidade das cadeias produtivas Pinhão, Erva-mate, Juçara e da Piaçava como estratégia de conservação e de desenvolvimento na mata atlântica” apoiado pelo FUNBIO/TFCA.

Colaboração:**Betânia Santos Fichino**

Bióloga, Assessora Técnica do Programa “Mercado Mata Atlântica - RBMA” e apoio técnico nos projetos.

Lucélia Barbet

Bióloga e Técnica da Instituição Ibio na realização da oficina.

Janayna Franco

Consultora técnica para apoio na realização das oficinas

Conselho Editorial: Clayton Ferreira Lino e João Lucílio de Albuquerque**Revisão:** Clayton Ferreira Lino e Luis Alberto Bucci**Diagramação:** Felipe Sleiman**Fotos:** Betânia Santos Fichino e Marcelo Mendes do Amaral

Endereço do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
Rua do Horto, 931 - Casa das Reservas - CEP 02377-000 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (11) 2232-2963 ou (11) 2231-8555 ramal 2044 e 2046
Publicação do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Autoriza-se a reprodução total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte.

Grafica: Páginas e Letras
Tiragem: 1.000 exemplares
São Paulo
Maio de 2015

CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE DA PIAÇAVA (*ATTALAEA FUNIFERA*) NA MATA ATLÂNTICA

Realização:



Autor:

Marcelo Mendes do Amaral



Dedicatória

À Associação de Mulheres Artesãs de Ponto Central – Produção Artesanal de Santa Cruz de Cabralia, Bahia, e aos Povos e Comunidades Tradicionais que usam a fibra da piaçava e a palha do buriti para a confecção de artesanatos demonstrando a criatividade e o que se pode tecer com as mãos valorizando a biodiversidade e a cultura com tanta beleza.

Aos pesquisadores, técnicos, especialistas e lideranças que colocam em pauta as cadeias de valor da sociobiodiversidade nas estratégias de conservação e de desenvolvimento.

E a todos que estão contribuindo para a conservação, recuperação e uso da piaçava na Mata Atlântica.

Neste caderno é apresentado um processo de construção de indicadores de sustentabilidade da cadeia produtiva da piaçava, *Attalea funifera*, no uso da sua fibra, a partir de estudo de caso, da Associação de Mulheres Artesãs de Ponto Central, que aparece como interessante referência para as estratégias de conservação, recuperação da espécie e de desenvolvimento humano na mata atlântica.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
INTRODUÇÃO	09
LISTA DE PARTICIPANTES	13
METODOLOGIA	14
OFICINAS . CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DA PIAÇAVA	15
MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE	19
DIAGRAMA RECURSOS NATURAIS E CADEIAS PRODUTIVAS	20
CADEIA PRODUTIVA DA PIAÇAVA	22
Detalhamento dos elos da cadeia produtiva da Piaçava	22
Produção, Cultivo e Extrativismo	23
Coleta de Piaçava	25
Dificuldades na etapa de coleta	26
Processamento I: separação e seleção da fibra	27
Processamento II: fabricação de vassouras e pente	28
Processamento III: produção de artesanato	28
Comercialização	31
DETALHAMENTO DO PLANO DE AÇÃO	32
Valorização dos cortadores/coletores	32
Compra dos fornecedores que coletam corretamente a fibra	32
Aquisição em maior quantidade: para mais pessoas, mesmo que não sejam da associação e para mais tempo (estoque para meses)	33
Controle e organização da associação.....	34
Buscar palhas e outras matérias primas alternativas	34
Intercâmbio com outras artesãs	35
REVISÃO E ATUALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	37
Atualização dos preços dos artesanatos	38
Criar peças para Copa e Olimpíadas	39
Site do Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA”	40
SELO DE ORIGEM “MERCADO MATA ATLÂNTICA - RBMA”	41
QUADRO 1. PARÂMETROS E INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA PIAÇAVA EM PONTO CENTRAL	44
GLOSSÁRIO DE ABREVIACÕES	46



APRESENTAÇÃO

Dando sequência à publicação da Série Mercado Mata Atlântica dos Cadernos da RBMA sobre as cadeias produtivas do Plano Nacional de Promoção dos Produtos da Sociobiodiversidade iniciada com o Caderno 43 sobre as Diretrizes para o manejo sustentável do Pinhão, este caderno é focado na construção participativa de indicadores para o manejo sustentável da Piaçava (*Attalea funifera* Martius) no sul da Bahia.

O documento inicia-se com a introdução retratando de forma mais ampla os objetivos e a motivação do projeto, seguido da apresentação dos atores envolvidos em todo o processo, parte essencial para sua realização.

Em seguida, é relatado o desenvolvimento das ações, a metodologia e a realização do diagnóstico participativo visando à elaboração do plano de ação e a identificação de parâmetros e indicadores de sustentabilidade da piaçava considerando-se os aspectos ecológicos, culturais, sociais e econômicos relacionados a esta importante cadeia produtiva.

Dessa forma, o documento contextualiza de modo sistematizado o processo de coleta da fibra da palmeira, *Attalea funifera*, espécie endêmica da Mata Atlântica no nordeste brasileiro.

Com esta publicação espera-se contribuir para a valorização da espécie na confecção de artesanatos e geração de renda, assim como, para a conservação e restauração da mata atlântica.

Clayton Ferreira Lino
Presidente da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica



INTRODUÇÃO

A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (IRBMA), por meio do programa “Mercado Mata Atlântica - RBMA” atua como facilitador e promotor do Plano Nacional de Promoção dos Produtos da Sociobiodiversidade (PNPSB), tendo como foco as cadeias produtivas priorizadas para o Bioma Mata Atlântica: Pinhão (*Araucaria angustifolia*), Erva-mate (*Ilex paraguarienses*), Juçara (*Euterpe edulis*) e Piaçava (*Attalea funifera*), dentre outras.

O PNPSB tem dentre dos seus objetivos promover os produtos da sociobiodiversidade, estabelecer diretrizes para a coleta sustentável, considerando boas práticas que assegurem a conservação e/ou recuperação da espécie, a garantia de preço mínimo e a inserção de produtos nos mercados institucionais..

O plano foi elaborado com a participação da sociedade civil em um esforço conjunto do Ministério do Meio Ambiente (MMA), do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e apoio da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

Os Arranjos Produtivos Locais da Sociobiodiversidade estão ilustrados na figura da página a seguir, onde podem-se observar os produtos da sociobiodiversidade nos biomas.

O Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” por meio do projeto “Construção de indicadores de sustentabilidade das cadeias da Sociobiodiversidade: Pinhão, Erva-mate, Juçara e a Piaçava”, como estratégia de conservação e de desenvolvimento na mata atlântica, apoiado pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – FUNBIO, teve como foco neste caso, a construção de indicadores da cadeia produtiva da piaçava voltada para a confecção de artesanatos pela Associação de Mulheres Artesãs de Ponto Central – Produção Artesanal no município de Santa Cruz de Cabrália no sul da Bahia.

A Associação recebeu da RBMA o certificado do selo de origem “Mercado Mata Atlântica-RBMA” pelo reconhecimento da sustentabilidade dos artesanatos feitos com a Piaçava e a palha do Buriti mostrando os aspectos ecológicos e culturais associados.



APLs da Sociobiodiversidade

LEGENDA

- Capitais
 - Arranjos Produtivos Locais - implementados
 - Arranjos Produtivos Locais - em implementação
- | | |
|----|-----------------------------------|
| 01 | Borracha (Vale do Acre) |
| 02 | Castanha (Sul do Amazonas) |
| 03 | Piaçaba (Alto e Médio Rio Negro) |
| 04 | Castanha (Oriximiná) |
| 05 | Óleos - Andiroba Copaiba (BR-163) |
| 06 | Açaí e Andiroba (Iha do Marajó) |
| 07 | Babaçu (Bico do Papagaio) |
| 08 | Babaçu (Médio Measim) |
| 09 | Buriti (Piauí) |
| 10 | Carnaúba (Campo Maior) |
| 11 | Carnaúba (CE e RN) |
| 12 | Pequi e Babaçu (Araripe) |
| 13 | Frutos da Caatinga (Norte Bahia) |
| 14 | Piaçava (Costa Sul da Bahia) |
| 15 | Pequi (Norte de Minas) |
| 16 | Pinhão (Iratí e Região Paraná) |
| 17 | Pinhão e Mate (BR-376 Paraná) |
| 18 | Juçara (São Paulo e Paraná) |
- Biomias Brasileiros**
- Amazônia
 - Cerrado
 - Mata Atlântica
 - Caatinga
 - Campos Sulinos
 - Pantanal
- Ecótonos**
- Cerrado Amazônia
 - Caatinga Amazônia
 - Cerrado Caatinga



Fontes: Base Cartográfica IBGE, 2007 / Biomias Brasileiros - MMA/IBGE, 2004 / Arranjo Produtivo Local - CEX/DEX/MMA, 2011

Ministério do Meio Ambiente



Edição Cartográfica Digital: Wladimir Rodrigues



Para a construção de indicadores de sustentabilidade da Piaçava foram utilizadas técnicas do diagnóstico rural participativo dentre outras a fim de entender a realidade local, e o processo de confecção do artesanato identificando a procedência da matéria prima, a coleta da piaçava, o beneficiamento, a confecção das peças, o mercado e perfil dos consumidores.

Neste processo, de diagnóstico e de diálogo, alguns parâmetros comentados pelas mulheres e verificados durante a visita técnica indicam a sustentabilidade dos produtos nos aspectos ecológicos, culturais, sociais e econômicos.

LISTA DE PARTICIPANTES

Os participantes das oficinas estão aqui nomeados, como reconhecimento e agradecimento pela contribuição no processo.

Adrielle de J. Freitas	Lourdes Maria de Jesus Freitas
Aline Santos de Souza	Luciana de Jesus Marinho
Antônia Aparecida J. Moreira	Márcia Gomes dos Santos
Deusdete dos Santos	Sidália Silva Dantas
Edileuza Nascimento Matos	Silvaneide Porto Santos
Eliane Silva Rodrigues	Tailane Silva Rodrigues
Elizângela Gomes Pacheco	Tainá S. Ribeiro
Isabel Cristina dos Santos Ribeiro	Taline Dantas Vieira
Janice Santos Ferreira	Tatiane Filofo
Joice Nascimento Marinho	Thamires dos Santos
Josenelda Silva de Jesus	Tainá dos Santos Ribeiro
Juscilene B. Santos	





METODOLOGIA

A metodologia do projeto foi pensada para valorizar os parceiros e atores locais a fim de promover uma articulação institucional que pudesse dar suporte à associação.

Para isto foram realizadas tres oficinas com os principais objetivos: (1) realizar diagnóstico participativo da cadeia produtiva da Piaçava; (2) elaborar um plano de ação; (3) revisar o plano de ação nas oficinas seguintes; (4) planejar as atividades; (5)

implementar o selo de origem “Mercado Mata Atlântica-RBMA” para os artesanatos da piaçava.

Durante o processo de elaboração do plano de ação foram identificados os principais desafios e potencialidades para cada um dos elos da cadeia produtiva da Piaçava e formas de se buscar as soluções e oportunidades para seu aprimoramento com o envolvimento dos participantes.



OFICINAS . CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DA PIAÇAVA

Objetivos específicos das oficinas

- Elaborar diagnóstico participativo da cadeia produtiva da Piaçava na comunidade de Ponto Central, localizada em Santa Cruz Cabralia / BA
- Construir indicadores de sustentabilidade nos aspectos: Ecológicos/ ambientais, Culturais/sociais e Econômicos
- Elaborar um plano de ação para a melhoria da cadeia produtiva da Piaçava e fortalecer a Associação de Mulheres Artesãs de Ponto Central.

A primeira oficina foi realizada em agosto de 2012 na sede da Associação de Mulheres Artesãs de Ponto Central, inicialmente foram levantadas as seguintes expectativas com as participantes: (1) fomento à união entre artesãs; (2) incentivo ao aumento de associadas; (3) promoção do aumento das vendas; (4) capacitação para atender às demandas; (5) conhecimento de novos assuntos; (6) divulgação do aprendizado e; (7) incentivo para a continuidade de produção pela associação.

As artesãs contaram um pouco da história da associação e das suas dificuldades e apoio de projetos.

Embora a cadeia da piaçava seja muito antiga na região, por muito tempo ela ficou restrita ao objetivo de produção de vassouras e pentes para cobertura das casas.

Em 2007, uma pesquisa do Instituto Bioatlântica sobre as matérias primas existentes na região com potencial para o artesanato identificou o potencial da piaçava nesse sentido. A partir disto foi realizado um curso para 32 artesãs sobre a técnica, despertando o interesse das associadas na confecção desse artesanato na comunidade e a criação da Associação de Artesãs de Ponto Central.

Entre 2008 e 2009, através de um projeto realizado em parceria com o Citibank, a associação teve seu auge de produção, com a venda de brindes cooperativos por um ano para o banco.

Após o termino do projeto as vendas diminuíram por dificuldades



no escoamento da produção e, conseqüentemente, muitas associadas deixaram a associação.

No início da produção, a piaçava utilizada como matéria prima foi doada por um dos donos de armazém da região. Com o tempo, esta passou a ser vendida, quando se tornou mais uma fonte de renda aos donos de armazéns, passando de R\$ 30,00/arroba (15 kg) no início da associação, chegando a R\$ 75,00/arroba no auge da produção da associação e chegando no ano de 2012 no valor de R\$ 60,00/arroba.

Logo em seguida foi feita a apresentação da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e do Programa "Mercado Mata Atlântica – RBMA", assim como dos objetivos do Projeto e da Oficina, que ocorreu nos dois dias subsequentes.

Ao ser apresentado o Selo de Origem "Mercado Mata Atlântica – RBMA", que a associação recebeu durante a Rio+20, buscou-se identificar a percepção das artesãs sobre as razões pelas quais seus artesanatos forem considerados sustentáveis.

As artesãs comentaram alguns aspectos de sustentabilidade que envolve a produção dos artesanatos, como:

Social e cultural - fazem parte de uma associação formalizada e com a tradição de uso da piaçaveira.

Ambiental e ecológico - foi levantado o fato da piaçaveira oferecer usos múltiplos (do coco é possível fazer artesanato e serve de alimento para a fauna, da fibra faz-se a vassoura e o artesanato, etc) e o fato de que a retirada da fibra não causa a morte da piaçava podendo recuperar e produzir em um ano.

Econômico - o retorno financeiro pela venda dos produtos com o potencial de geração de renda ao longo dos anos.





MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE

Para essa atividade, de acordo com sugestão dos participantes, estes foram divididos em três grupos, sendo que um dos grupos ficou responsável por fazer o mapa da comunidade de Ponto Central, e os dois outros, por desenhar os arredores da comunidade, sendo que cada um desenhou uma parte da comunidade.

Os mapas foram feitos em papel craft, com lápis, giz de cera e canetas coloridas.

O grupo responsável pela elaboração do mapa da comunidade representou as principais ruas e estabelecimentos, assim como as casas dos participantes e os locais relacionados com a cadeia produtiva da piaçava: mercadinho onde são compradas as agulhas para fazer o artesanato; armazéns, onde compram a fibra; loja de materiais de construção onde compram o verniz e a sede da Associação das Artesãs.

Os grupos que ficaram responsáveis de desenhar os arredores usaram como base as estradas que saem da comunidade e, a partir delas, foram representando o que existia ao redor da estrada, tanto propriedades, como as culturas produzidas e os cursos d'água.

Assim que os grupos terminaram o mapeamento, cada grupo apresentou aos demais o mapa que havia feito, indicando o que haviam desenhado.

Na região representada por um dos grupos foi identificada uma fazenda de um dos donos de armazéns de piaçava da comunidade e que possui uma plantação própria de piaçava.

À medida que era feita a apresentação, iam sendo discutidas as potencialidades e dificuldades da cadeia produtiva da Piaçava e anotados para direcionarem o plano de ação a ser realizado no dia seguinte.





DIAGRAMA DOS RECURSOS NATURAIS E CADEIAS PRODUTIVAS

A partir do mapeamento feito e apresentado foram levantados os recursos naturais e econômicos da região os quais foram discutidos de acordo com sua importância para a comunidade, de acordo com o tamanho dos círculos feitos de papel, sendo quanto maior o círculo mais importante a sua representação.

Grande importância:

- Piaçava: por ser uma palmeira nativa, que serve de alimento para diversas espécies de animais. Além disso, é fonte de renda para diversas pessoas da comunidade (fazendeiros, coletores, armazéns, artesãs) e para os consumidores.

- Água: importante para manutenção da comunidade, como uma necessidade básica mas também para a piaçava crescer, como para o beneficiamento da fibra.

Ao discutirem a água, foi identificada uma nascente no mapa, dentro das terras da usina, de onde é coletada água que, depois de tratada, abastece Ponto Central e Barrolândia.

Foi observado que a nascente é rodeada por cana e pasto, o que pode vir a comprometer a qualidade e a quantidade de água, sendo necessário o diálogo com os proprietários, para garantir este recurso, tão fundamental à vida das comunidades.

- Cana: grande importância econômica para a região, pois a usina Santa Cruz gera muitos empregos, chegando a empregar 90% da população de Ponto Central na época da moagem.

- Solo/terra: importante por ser essencial para o plantio e sustentação de qualquer espécie vegetal.

- Ar/vento: importante para manutenção da comunidade, como uma necessidade básica (bem estar e respiração).

Importância Mediana:

- Agricultura Familiar: existente principalmente devido ao Projeto Agrovida, desenvolvido pela Veracel com as pessoas da comunidade.

Tem maior valor devido à economia na compra de alimentos, mas a venda de tais produtos não é valorizada pelas demais pessoas da comunidade, que não fazem parte do projeto.

- Eucalipto: existente nas áreas de produção da empresa Veracel e outras empresas que abastecem a mesma.

Tem importância para a comunidade, pois gera empregos, embora em menor quantidade do que a Usina Santa Cruz.

Pequena importância:

- Cacau: existente, na sua maioria, na mata ciliar deixada nas terras da Veracel por obrigação legal. Atualmente é colhido e representa fonte de renda, embora muito pouco significativa.

- Aroeira: se encontra espalhada pela região e na época da produção de sementes gera renda e muitas artesãs substituem o artesanato pela colheita e venda das sementes.

- Gado: produção de leite e carne, não muito representativa na região





CADEIAS PRODUTIVAS

DETALHAMENTO DOS ELOS DA CADEIA PRODUTIVA DA PIAÇAVA

A Cadeia produtiva da piaçava se baseou nos locais que foram identificados no mapa por onde a piaçava passava no processo de produção (tarjetas azuis) e à medida que ia sendo discutida foram identificados os atores envolvidos (tarjetas verdes), as oportunidades e dificuldades da cadeia (tarjetas vermelhas), que direta ou indiretamente afetavam a viabilização e manutenção do trabalho feito pela associação de artesãs.



Ao longo do dia foram identificados parâmetros de sustentabilidade, potencialidades, limitações, ameaças e oportunidades da cadeia produtiva da piaçava, que foram registrados para ajudar a conduzir as atividades do segundo dia, na elaboração do Plano de Ação.

As informações obtidas durante as atividades, juntamente com a conversa com outros atores da cadeia permitiram a construção de uma descrição mais detalhada da Cadeia Produtiva da piaçava na região.

No início do dia foi feita uma breve retomada para lembrar o que havia sido discutido no dia anterior e introduzir a atividade a ser feita.

Todo o material produzido no dia anterior foi exposto e os participantes levantaram os aspectos mais importantes das atividades a partir do material construído. Foi recapitulada a organização espacial da cadeia produtiva da piaçava, assim como suas etapas e elos e os recursos relacionados.

PRODUÇÃO, CULTIVO E EXTRATIVISMO DA PIAÇAVA

A piaçava recebe denominações diferentes de acordo com a idade. Até os 3 anos, é chamada de Patioba; dos 3 aos 12, bananeira, quando começa a produzir a fibra de piaçava e já tem frutos; dos 12 aos 15 é chamada de coqueiro jovem, já mais alta e mais difícil de cortar a piaçava, mas no auge da produção; e a partir dos 15 é conhecida como coqueiro velho, quando a produção começa a decair, mas continua viável por mais de 50 anos.

As piaçavas mais jovens tem a fibra mais vermelha, enquanto as mais velhas são mais escuras.

É mais fácil cortar a piaçava em áreas abertas do que na mata, pela dificuldade de se levar a escada, e maior presença e quantidade de bichos.

A maioria das piaçavas, onde é feito o corte, fica no meio do pasto, pois quando a área é desmatada para formar pastagem, deixa-se a piaçava em pé, para ser outra fonte de renda. Além disso, algumas fazendas também têm piaçavas plantadas, distribuídas em maior quantidade e mais concentradas, mais fáceis para corte.



Geralmente a piaçava gera retorno financeiro a partir do sétimo ano, mas muitos começam a cortar a piaçava antes desse período, pois ela já tem alguma produção.

Após o corte e antes de vender, o cortador deixa a piaçava na água, para limpar e ganhar peso. Quanto mais tempo na água, mais escura e pesada fica a fibra e perdendo qualidade.



Piaçava Plantada x Piaçava deixada no pasto



COLETA DA PIAÇAVA

Geralmente a coleta da piaçava é realizada na propriedade de fazendeiros, com o sistema de meia, onde o fazendeiro contrata cortadores e fica com metade da piaçava coletada ou do valor obtido com a venda, pagando a outra metade ao cortador.

O fazendeiro vende a piaçava entre R\$ 20,00 e R\$ 30,00 por arroba e paga ao cortador entre R\$ 10,00 e R\$ 15,00 por arroba. A maior parte da fibra cortada, que vai para Ponto Central, vem de fazendas que ficam entre Ponto Central e Santa Cruz Cabrália

É do interesse do proprietário da terra o corte correto da fibra da piaçava, uma vez que, se assim for feito, a prática não prejudica a piaçava e após um ano o corte pode ser feito novamente, gerando sustentabilidade social e econômica.

Por esse motivo, alguns fazendeiros selecionam os cortadores, priorizando os que fazem a técnica correta.

Alguns deixam de cortar, enquanto não encontram a pessoa certa para o trabalho.

De acordo com o que foi levantado, o cortador deve deixar no mínimo 7 palmas (folhas) na piaçava. O tempo de descanso, entre um corte e outro, deve ser de pelo menos 1 ano, mas, ao mesmo tempo, se o período for muito maior que um ano, pode prejudicar a fibra por acúmulo de umidade e cupins na piaçava não limpa.





Dificuldades na etapa de coleta

- riscos ao cortador/coletor: furar a si próprio com a piaçava, se cortar com facão ou ser picado por animais peçonhentos.

- relações trabalhistas: trabalha como autônomo, sem carteira assinada e não tem conhecimento das leis trabalhistas (INSS, por exemplo). É o elo que menos ganha na produção, sendo mal remunerado.

- muitas vezes o corte não é supervisionado e/ou cortadores entram em áreas sem autorização para o corte (roubo da fibra). Nesses casos, para obter mais fibra de uma só vez, muitos cortadores cortam mais do que o necessário, prejudicando a sua recuperação, ou mesmo matando a árvore.



PROCESSAMENTO I: SEPARAÇÃO E SELEÇÃO DA FIBRA DA PIAÇAVA

A separação e seleção da fibra da piaçava, de acordo com seu destino, é feita nos armazéns. O dono do armazém compra a fibra dos fazendeiros ou diretamente de cortadores, sendo que muitas vezes o dono do armazém não tem controle sobre a fibra que compra, não sabendo se é coletada corretamente.

O feixe de fibras comprado geralmente contém fibras de primeira e de segunda misturada (sendo que a de primeira vem por fora, cobrindo a de segunda).

No armazém se faz a separação da fibra de primeira e de segunda, se limpa e “penteia”, amarra em feixes e corta em tamanhos específicos de acordo com finalidade.

Se a fibra for para o artesanato, deve ser feita uma seleção específica que escolhe apenas as fibras mais finas, mais maleáveis e de coloração mais adequada (vermelha).

Os armazéns compram de todo o sul da Bahia (extremo sul, sul e baixo sul) sendo que poucos lugares separam a fibra de 1º e 2º para comercializar.

Do bagaço, faz-se o pente, mas apenas um dos armazéns visitados executa essa parte da cadeia.

Nos armazéns visitados, a média de venda é de 600 toneladas por ano, aproximadamente 15 ton por semana, que são transportadas em caminhões que carregam até 20 ton de fibra.

Os armazéns compram a fibra bruta por R\$ 20,00 a R\$ 30,00 por arroba e vendem a fibra beneficiada por 3,00 a 3,50 por quilo.

Cada funcionário do armazém produz de 800 a 1000 kg de piaçava beneficiada por dia para fazer vassoura. Já para beneficiar para o artesanato exige uma escolha das fibras mais finas aumentando a mão-de-obra, chegando a produção de 200 a 300 kg por dia.

Geralmente, os armazéns contam com 2 a 13 funcionários, sendo que o maior dos armazéns visitados, além dos 6 funcionários tem um outro local, onde mais 7 pessoas trabalham apenas com a fibra de segunda.



PROCESSAMENTO II: FABRICAÇÃO DE VASSOURAS E PENTE DE PIAÇAVA

Essa etapa é feita nas fábricas de vassoura, em diversas regiões do país. Os armazéns de Ponto Central vendem para SC, SP, MG, MT e ES.

Apenas um dos armazéns visitados faz a vassoura no próprio armazém. Eles recebem a lata onde as fibras são fixadas e o cabo da vassoura de MG, montam a vassoura e mandam de volta para MG.



Piaçava comprada



Piaçava descartada



Piaçava pronta para venda

PROCESSAMENTO III: PRODUÇÃO DE ARTESANATO COM PIAÇAVA

Em 2012, a Associação de Artesãs comprou em média 30 kg de piaçava por mês, pois a demanda de artesanato não foi tão intensa. No auge da produção de artesanato, chegou a comprar 750 kg de piaçava por mês.

Uma vez comprada, a piaçava é armazenada na sede da Associação e à medida que as artesãs precisam pegam a fibra para produzir o artesanato.

A sede tinha uma sala grande e um quintal, locais onde confeccionavam as peças, estantes para guardar as peças prontas e uma sala com computador, onde guardavam os pertences e documentos da Associação.

Como a casa era alugada, em 2013 transferiram a sede da associação para um imóvel cedido pela Veracel.

A piaçava rejeitada para a confecção das peças grandes, como por exemplo, a mandala, é utilizada para confecção de peças menores, como porta copos, diminuindo os resíduos e aumentando o aproveitamento da fibra.

A piaçava também serve de matéria prima para outros tipos de artesanato, produzido por artesãos da região, como as contas para colar, feitas com o coco da piaçava.





Comercialização

É um elo ainda com grande dificuldade, principalmente em relação ao escoamento de toda a produção feita. As peças pequenas, geralmente, tem maior saída, mas valem menos, enquanto as grandes valem mais, mas são mais difíceis de serem vendidas.

A venda do produto pronto ao longo do ano ocorre principalmente na própria sede da associação. Geralmente os consumidores são visitantes da Veracel que são levados a conhecer a associação o que limita bastante a venda.

As artesãs tentaram colocar peças em lojas de artesanato em Porto Seguro, por consignação, mas na maioria dos casos as peças são mal cuidadas e demoram a ser vendidas e o pagamento às associadas, após a venda das peças, é demorado.

A venda mais intensa de produtos ocorre em feiras e eventos que a Associação participa. Nesses casos, uma ou duas associadas vão como representantes, levando o produto de todas, e ao retornar fazem a partilha do total de vendas de acordo com que as peças foram comercializadas de cada associada. O percentual de 10% do valor de cada peça vai para a associação (gastos com aluguel, luz, internet, etc) e o restante vai para quem produziu a peça.

A formatação de preço também é bastante discutida entre as associadas. Mesmo tendo tido diversas capacitações sobre como formatar o preço das peças, as capacitações indicam possibilidade diferentes de fazer esse cálculo, dificultando o acordo entre as artesãs.

A tabela tem preços altos em relação a outros produtos artesanais, geralmente questionados pelos consumidores, entretanto, muitas associadas acreditam que abaixar esse valor poderia desvalorizar o trabalho.

Para manter os valores, a Associação precisa achar um nicho de mercado específico e diferenciado, que esteja disposto a pagar mais pelas peças.



DETALHAMENTO DO PLANO DE AÇÃO

A partir das dificuldades levantadas no dia anterior em cada etapa da Cadeia Produtiva da piaçava (tarjetas vermelhas), foram sendo identificadas ações que levassem à superação destas dificuldades.

Dessa forma, foi construída uma tabela onde á medida que eram colocadas, na primeira coluna, as dificuldades levantadas (tarjetas vermelhas), iam sendo definidas as ações a serem executadas (segunda coluna) e as pessoas responsáveis por tais ações (terceira coluna).

A tabela final representa uma síntese das próximas ações a serem realizadas. A descrição das ações, de acordo com as discussões feitas, foi anotada para detalhamento das próximas atividades.

Valorização dos cortadores/coletores

Em Ponto Central, foi feito Projeto da Veracel, em parceria com a empresa de consultoria Horizonte 21, que tinha como propósito, desenvolver um plano de manejo para a piaçava nas suas propriedades, a capacitação dos cortadores para a coleta de acordo com o manejo adequado, melhoria das condições de trabalho e a criação de uma associação de cortadores..

Foi comentado que durante o andamento do projeto, a dificuldade encontrada foi a existência de cortadores que preferiam não fazer parte da associação e roubar a fibra das áreas da Veracel, retirando mais fibra por árvore e muitas vezes matando a árvore.

É importante, nesse sentido, retomar as atividades com os cortadores de forma a valorizar e formalizar o trabalho, melhorando as condições de segurança, trabalhistas e de renda gerada pela atividade.

Compra dos fornecedores que coletam corretamente a fibra

Foi levantada a dificuldade de se saber se a piaçava comprada era de cortadores que cortam de maneira correta ou de pessoas que matam a piaçava. O próprio funcionário do armazém geralmente não faz esse controle.

Em relação às artesãs, é difícil influenciar os armazéns a fazerem esse controle, uma vez que a quantidade que compram representa uma porcentagem muito pequena da venda do armazém. A pressão precisa ser feita em conjunto com os compradores de fibra para produção de vassoura.

Foi acordado que as artesãs irão verificar com os donos de armazém se algum deles tem esse controle e conversar para que passe a ter, se possível. Assim as artesãs podem comprar daquele que tiver melhor controle e garantia.



Aquisição em maior quantidade: para mais pessoas, mesmo que não sejam da associação e para mais tempo (estoque para meses)

Como a quantidade que as artesãs compram é pequena e o beneficiamento da fibra que elas compram deve ser diferente do da fibra para vassoura, sendo mais trabalhoso, geralmente o valor fica muito alto e o armazém demora para entregar a fibra.

Nesse sentido, foi sugerido que todas as artesãs, mesmo aquelas que não fazem parte da associação, comprem em conjunto, em uma única aquisição para mais de um mês, aumentando o estoque.



Controle e organização da associação

A organização interna da associação é essencial para que o trabalho flua melhor e que elas consigam cumprir com as metas e aumentar a expressão de seus produtos. Foi relatada dificuldades em manter o grupo unido, participando das reuniões e tomando decisões conjuntamente, assim como a organização interna para produção das peças, otimizando o uso da fibra e deixando o local sempre organizado. Muitas artesãs deixavam a fibra desorganizada o que fazia com que a matéria prima fosse desperdiçada.

Foi levantado que um controle interno foi desenvolvido para esses problemas e que ele continuará a ser feito, pois tem minimizado essa perda.

Buscar palhas e outras matérias primas alternativas

A palha do Buriti tem o custo de R\$ 50,00/kg, sendo que 30% é perdido pela qualidade da fibra. A quantia de 100 suplás (porta prato) pode ser feita com apenas 1Kg da citada palha. O preço do Buriti como matéria prima não fica tão caro por peça, mas existe a dificuldade de compra, uma vez que precisa ser comprado em Porto Seguro e nem sempre é encontrado, além de não ter rastreabilidade.

Nesse sentido, foi sugerida a pesquisa por outras matérias primas alternativas ao Buriti. As artesãs disseram que já tentaram a fibra de bananeira, mas que não conseguiram o mesmo resultado. Foi sugerido, então, a fibra de Ouricuri (Licuri), presente na região e a fibra de Pati, utilizada por comunidades indígenas.

O verniz utilizado para impermeabilizar e aumentar a durabilidade das peças tem a necessidade de compra no comércio, além de não ser natural.

Nesse sentido, precisam ser feitas pesquisas de outros materiais que garantam a durabilidade da peça.

A substituição do buriti por uma matéria prima mais durável também resolveria o problema, uma vez que é ele, e não a piaçava, que estraga mais facilmente com o tempo.

Intercâmbio com outras artesãs

Para verificar a viabilidade do uso de outras matérias primas alternativas na produção como substituição ao buriti e ao verniz, foi sugerido buscar outras associações que trabalhem com essas matérias primas para poder ensinar a técnica. Também deverá ser feita uma verificação da existência e abundância da espécie na região.





REVISÃO E ATUALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Nas oficinas seguintes, nos anos de 2013 e 2014, foram para revisar o Plano de Ação elaborado em agosto de 2012. Foram revisadas as ações e discutidas se foram realizadas, as dificuldades encontradas, com intuito de buscar soluções para motivar a associação.

As participantes relataram sobre a gestão da Associação, e a situação financeira, e as dificuldades na prestação de contas. Informaram que as eleições estão pendentes, e que é necessário eleger uma nova diretoria. Decidiram que iriam fazer uma reunião com o contador. Comentaram sobre a importância da participação nas feiras, como será comentado mais a frente neste documento.

Em dezembro 2014 procurou-se agendar a oficina com antecedência para tentar garantir a participação maior das associadas, mas boa parte das associadas tinham ido para coleta de limão, uma oportunidade de renda que não podiam perder.

No entanto, as representantes da Associação sugeriram um quintal da casa de uma associada para realização da oficina.

Durante o relato, as artesãs demonstraram um grande interesse em regularizar a Associação e estimular a produção. Discutiram a importância de fazer um acordo de uso do espaço da nova sede, onde encontram dificuldades com a parceria feita com a Associação de Agricultura Familiar, para compartilhar o ambiente.

O coordenador sugeriu que aproveitássemos a oficina para realização de uma reunião da Associação, com o objetivo de elaborar um edital para chamada da eleição. Foi lido o estatuto para discutir alguns pontos e condutas com elaboração de uma ata.

A consultora elaborou a ata, onde ficaram registrados os procedimentos, que deveriam ser tomados a respeito da regularização da associação, bem como estratégias para facilitar o empenho das associadas, que irão disponibilizar tempo para se dedicar à regularização da Associação.





Em seguida, elaboramos um edital de chamada para eleição, que ficou marcada para dia 20 de dezembro de 2014.

Outros pontos foram discutidos na sequência, conforme abaixo.



Atualização dos preços dos artesanatos

Foi sugerido que as artesãs atualizem o preço de cada peça, levando em conta as horas dedicadas, custo das matérias-primas, quantidade de matéria prima usada em cada artesanato, o tamanho da peça, o peso do produto final, dentre outros custos fixos, que a Associação tem para manutenção da sede e para apoiar a gestão do negócio.

Vários aspectos considerados influenciam no custo de logística, e de transporte dos artesanatos, seja para vendas, assim como, para a participação em feiras.

Um aspecto que vale ressaltar é o tamanho da peça, por exemplo, a figura abaixo mostra a mandala que é linda, mas trabalhosa, uma artesã dedica cerca de um mês de trabalho para fazê-la e o custo de venda na FENAFRA era de R\$ 400,00, ou seja, menos de um salário mínimo na época, e não foi vendida.

O trabalho de um mês de uma artesã vale menos de um salário mínimo?

Se considerarmos o trabalho e a arte, além da matéria-prima, e ainda com selo de origem, que indicam sustentabilidade, a peça valeria muito mais, é neste ponto que precisamos apoiar a associação, pois peças como esta deveria ou poderia ser feita por encomenda e atingir um mercado e consumidor diferenciado.

Criar peças para Copa e Olimpíadas

No plano de ação, este ponto foi colocado como oportunidade identificada para aumentar o escoamento da produção, ao atingir um público diferenciado e com maior poder aquisitivo.

Santa Cruz de Cabralia sediou a delegação da seleção da Alemanha e possibilitou a comercialização no valor de R\$ 5000,00 em artesanatos, para decoração do hotel onde estavam hospedados. Além da renda gerada, os artesanatos ficaram conhecidos pelos alemães, e envolveu tanto a Associação como outras artesãs de Ponto Central e foi mediada a negociação, com o apoio da Secretaria de Turismo.

O desenvolvimento de peças direcionadas a esses eventos tem grande potencial de aumentar a venda dos produtos, desde que negociadas com antecedência. Por exemplo tivemos uma encomenda de brindes de piaçava, e seriam 300 peças no valor de R\$ 10,00 incluindo transporte, mas o prazo para a confecção da amostra e envio pelo correio até chegar ao consumidor para aprovação, etc não viabilizou o negócio, ou seja, esses processos também precisam ser melhor trabalhados, para que os prazos para da produção artesanal sejam compatíveis para as artesãs fazerem os produtos com qualidade.

As artesãs podem e estão dispostas a se organizarem para assumir compromissos de acordo com encomendas, e se dedicam muito para cumprí-las. Vale a pena conhecer os seus produtos que tem qualidade, durabilidade, muita dedicação e arte para serem feitos, além de bonitos, são úteis e representam a importância dos produtos da sociobiodiversidade e da cultura local.





Site do Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA”

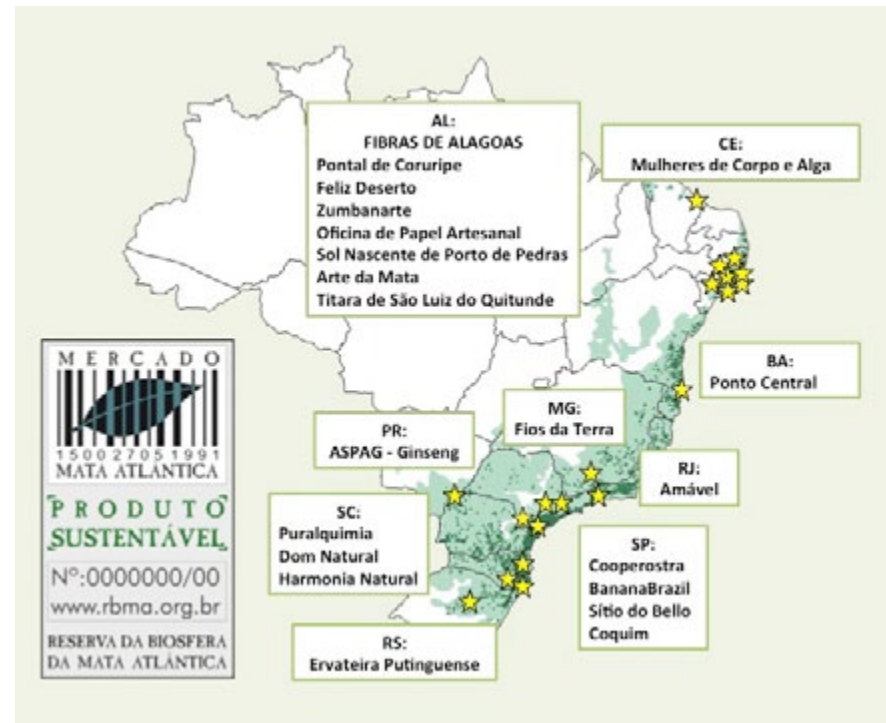
O empreendimento é cadastrado no Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” e esta sendo divulgado em seu site, onde qualquer comprador pode ver os produtos que a Associação produz e entrar em contato através de telefone e e-mail também divulgados no site.

Cabe à associação, entretanto, a responsabilidade de atender os telefonemas e responder os e-mails para fechar as vendas com os possíveis consumidores interessados nos produtos, que podem ser enviados por correio.

Também é responsabilidade da associação manter as informações do empreendimento atualizadas junto ao Programa, no entanto, a atualização das informações no site é periódica e podem ficar desatualizadas, neste caso, o consumidor poderá entrar em contato com o Programa ‘Mercado Mata Atlântica-RBMA’ através do e-mail negócios.sustentaveis@rbma.org.br para informações. Outra opção é contatar a Secretaria de Turismo do município de Santa Cruz de Cabrália..



Selo de origem “Mercado Mata Atlântica-RBMA”



A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – RBMA, por meio de seu programa permanente Mercado Mata Atlântica, lançou durante a Rio+20 em junho de 2012, no Rio de Janeiro, o Selo de Origem “Mercado Mata Atlântica – RBMA”, que tem como objetivo promover empreendimentos que trabalham com as cadeias produtivas da sociobiodiversidade da mata atlântica, de acordo com Princípios e Critérios que visam contribuir para as funções da RBMA.

A Associação de Mulheres de Ponto Central foi um dos empreendimentos que recebeu o selo de origem, e tivemos a oportunidade de realizar o diagnóstico participativo e construir os indicadores a partir das oficinas e participação em feiras.

Esse selo pode ajudar a Associação a abrir novos mercados, na medida da apropriação pela Associação e do seu reconhecimento



pelo consumidor. Para isto, estamos divulgando este trabalho tão importante da Associação de Mulheres de Ponto Central e seus artesanatos neste caderno. O telefone da Associação é (73) 9981-2471, falar com Silvaneide

Além da divulgação, estamos buscando recursos para dar continuidade a este processo de seu fortalecimento, gestão do negócio e do uso da fibra da piaçava, valorizando a biodiversidade da mata atlântica e demais empreendimentos.

As figuras a seguir ilustram as participações em feiras



**QUADRO 1. PARÂMETROS E INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA PIAÇAVA EM PONTO CENTRAL**

Parâmetros	Indicadores de Sustentabilidade
Social/cultural	
Forma de organização dos produtores ao longo da cadeia	Cada elo da cadeia deve ser operado por associações ou cooperativas de trabalhadores, formalizados
Relação e transparência entre os elos da cadeia	Cada elo deve saber de onde vem a piaçava, que está adquirindo do elo anterior
Infraestrutura pública	Deve haver creche para os filhos das artesãs para que se dediquem ao trabalho
Relação cultural com a matéria prima	A prática do artesanato ou uso da matéria prima deve ser uma atividade relacionada á cultura local
Comprometimento	Atores deverão estar comprometidos com as atividades, participando do processo e executando obrigações

Econômico	
Quantidade de Capital de Giro	Possuir capital de giro suficiente para compras antecipadas de matéria prima e em maior escala por menor custo
Localização e quantidade de Pontos de Venda	Possuir Pontos de Venda em locais com movimento e em número suficiente para escoar toda a produção
Quantidade de renda gerada	A renda obtida com a atividade deve ser compensatória para as artesãs
Sazonalidade da geração de renda	Não deve ser uma atividade apenas sazonal ou, se for, ter outras alternativas
Continuidade da geração de renda	A renda adquirida a cada ano deve se manter igual ou aumentada no ano seguinte
Ambiental/ecológico	
Quantidade de matéria prima disponível	Não deve haver diminuição de matéria prima disponível ao longo dos anos
Tempo entre a coleta da fibra de uma mesma árvore	Esperar no mínimo 1 ano e no máximo 2 anos para retirar novamente a fibra de uma mesma árvore
Palmas deixadas na árvore	Deixar pelo menos 7 palmas na árvore quando retirar a fibra
Restauração e/ou recuperação da mata atlântica	Utilizar áreas degradadas e cultivos com a piaçava



GLOSSÁRIO DE ABREVIações

- CdV** - Cadeias de Valor
- CONAB** – Companhia Nacional de Abastecimento
- DAP** – Declaração de Aptidão ao Pronaf
- EMBRAPA** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- IA - RBMA** - Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
- IAPAR** – Instituto Agrônômico do Paraná
- IBAMA** – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- IBIO** - Instituto Bioatlântica
- MAPA** - Ministério de Agricultura e Pecuária
- MDA** – Ministério do Desenvolvimento Agrário
- MDS** – Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome
- MMA** - Ministério do Meio Ambiente
- OCS** – Organização de Controle Social
- PCTAF** – Povos, Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares
- PLANAPO** – Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
- PNPSB** - Plano Nacional de Promoção dos Produtos da Sociobiodiversidade
- PSA** – Pagamento de Serviços Ambientais
- SAF** – Sistema Agroflorestal
- SNUC** – Sistema Nacional de Unidades de Conservação
- SPG** – Sistema Participativo de Garantia
- RBMA** - Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
- RENISUS** - Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde



